CAMÕES

CAMÕES INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Nº 235 • **12** a 25 de outubro de 2016
Suplemento da edição nº 1201, ano XXXVI, do JL, Jornal de Letras, Artes e Ideias com a colaboração do Camões, I.P.

Conferência
Os 30 anos de Português na UE

Língua portuguesa enfrenta o desafio das tecnologias

Pág. 2/3

JORGE MOLDER. SÉRIE: DOIS DELES. 2014. TIRAGEM DIGITAL PIGMENTADA SOBRE PAPEL ARCHES 640 G/M2. DIMENSÃO TOTAL (CM) 152 X 102

***InMemoriam* de Maria Isabel Barreno**
Pág.4

New York Portuguese Short Film Festival
Um festival 'chaves na mão'
Pág.2/3

Cátedra de Estudos Portugueses inaugurada em novembro em Goa
Pág.4

Cinco décadas da obra de Helena Almeida em Bruxelas
Pág.3

Exposição de Ângela Ferreira no Nord-pas-de-Calais
Pág.3

Conferência *Os 30 anos de Português na UE*

Língua portuguesa enfrenta o desafio das tecnologias

O língua portuguesa enfrenta o desafio de acompanhar os desenvolvimentos tecnológicos da era digital, afirmou António Branco, professor e investigador na Universidade de Lisboa, no Departamento de Informática da Faculdade de Ciências, onde dirige o NLX-Grupo de Fala e Linguagem Natural, laboratório que trabalha no processamento computacional da língua portuguesa.

António Branco falava numa mesa-redonda em Lisboa, na Fundação Oriente, moderada pelo diretor adjunto do semanário *Expresso* Nicolau Santos, organizada no Dia Europeu das Línguas, a 26 de setembro, no âmbito da conferência sobre os 30 anos da língua portuguesa na União Europeia, promovida pela Comissão Europeia (CE), Parlamento Europeu (PE) e Camões, I.P.

Além de António Branco, os participantes foram Ana Paula Laborinho, Presidente do Camões, I.P., Célio Conceição, Diretor do Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve e Presidente do Conselho Europeu para as Línguas, Fernando Frutuoso de Melo, antigo alto funcionário da Comissão Europeia e atual Chefe da Casa Civil do Presidente da República, e José Ribeiro e Castro, antigo eurodeputado.

A conferência contou na abertura com intervenções de Rytis Martikonis, responsável da Direção-Geral de Tradução da CE, Florika Fink-Hooijer, Diretora-Geral do Serviço Central de Interpretação de Conferências da CE, e Valter Mavri˘c, chefe interino da Direção-Geral de Tradução do PE, a que se seguiram depoimentos de protagonistas, nos serviços de tradução e interpretação da CE e do PE, dos 30 anos do português na União Europeia.

Mesa-redonda da conferência *30 anos de Português na UE*

Os intervenientes na mesa-redonda partiram do comentário às respostas dadas num inquérito de rua – filmado junto de um público maioritariamente da cidade universitária de Lisboa – a três conjuntos de questões sobre temas relativos à língua portuguesa e ao multilinguismo.

Entre os temas estavam questões sobre se a língua contribui para definir uma identidade cultural, se os representantes portugueses se devem exprimir no estrangeiro em português, de que forma as tecnologias da língua podem contribuir para o multilinguismo, se os tradutores-intérpretes podem vir a ser substituídos por máquinas, e sobre a importância de falar outras línguas e da eventual «adoção de uma língua comum e qual».

Afirmando ter vivido uma época de grandes transformações tecnológicas, a última das quais foi a emergência do mundo digital, «algo da magnitude da chegada do Homem à Lua», António Branco disse que «as línguas sofrem choques tecnológicos», referindo nesses choques a invenção da escrita, da imprensa mecânica e das telecomunicações.

«Todos estes choques tecnológicos trazem novas oportunidades para a utilização das línguas e novos desafios», afirmou o investigador da Universidade de Lisboa, autor do livro branco *A Língua Portuguesa na Era Digital*. Mas acontece, no dizer de António Branco, que «algumas línguas historicamente melhor colocadas aproveitam esse choque para se projetar e outras sofrem a extinção». Segundo ele, «é o que irá acontecer com o advento do mundo digital. Aquelas línguas que forem preparadas tecnologicamente irão projetar-se e capitalizar as potencialidades que a era digital está a trazer e aquelas que – por circunstâncias históricas, económicas, o que for... – não estiverem naquelas condições arriscam o desaparecimento».

António Branco disse haver «uma ilusão de que tudo está a correr bem com a língua portuguesa», do ponto de vista do seu enquadramento e preparação tecnológica, por causa das notícias que dizem que o português está nas primeiras posições do *facebook*, do *twitter*, etc. O investigador diz que isso espelha apenas a dimensão demográfica dos falantes de português no mundo que têm poder económico para ter luz elétrica em casa, comprar um computador pessoal ou um *tablet* e aceder à internet de banda larga.

«Mas falar com um robô, falar a alguém através de um mecanismo de tradução automática, exige [...] preparação tecnológica da língua, e isso faz-se com muito investimento na ciência e tecnologia das línguas». As diferenças gramaticais e de natureza das línguas levam a que quando se desenvolve a tradução automática do inglês para o francês, não se consegue imediatamente transpor essa tecnologia para traduzir do inglês para o português ou do português para o swahili ou o chinês, alertou.

Para evitar que a língua da Europa (ou do mundo) seja a tradução [como disse Umberto Eco], ou que exista apenas uma única língua, é preciso apostar na tradução e esta é «inviável» no dia-a-dia sem as tecnologias da linguagem.

A este propósito, Ana Paula Laborinho disse que uma das medidas mais importantes para a afirmação internacional da língua portuguesa é a aposta maciça nas tecnologias da língua. A Presidente do Camões, I.P. manifestou a esperança de que as tecnologias da língua ajudem a que cada um possa falar na sua língua e o seu interlocutor o possa entender na sua própria língua. «É uma condição sem a qual o português não será uma grande língua internacional», sublinhou.

LÍNGUA E IDENTIDADE

A mesa-redonda iniciou-se precisamente pela questão da utilização do português em organizações, reuniões e visitas internacionais de representantes de Portugal, tendo Frutuoso de Melo dito não ter dúvidas de que qualquer declaração institucional internacional ou outra por representantes oficiais portugueses deve ser feita em português, mesmo que para isso seja preciso «encontrar soluções adaptadas às circunstâncias». No entanto, considerou que nas intervenções internacionais, há que ter em conta não só a cortesia como, sobretudo, a «eficácia da mensagem», evocando a sua experiência na CE.

A este respeito, a Presidente do Camões, I.P., Ana Paula Laborinho, defendendo que a utilização da própria língua melhora «a capacidade de fazer passar a mensagem», afirmou ser «cada vez mais importante que mesmo em reuniões internacionais possamos falar a nossa língua».

Relativamente ao tema da língua e da identidade cultural, cuja relação íntima alguns dos inquiridos nos filmes exibidos defenderam, Ana Paula Laborinho afirmou que a relação país/língua/identidade é complexa. Se há uma quase coincidência em Portugal entre nação e língua, «tal não acon-

New York Portuguese Short Film Festival

Um festival 'chaves na mão'

Trinta e uma cidades em 16 países. Passados cinco anos é esta a 'pegada' do 'New York Portuguese Short Film Festival' (NYPSFF), uma iniciativa que já vai na sua VI edição e que nasceu «com a intenção de mostrar o cinema português contemporâneo nos EUA, mas [que] depressa se internacionalizou para outros países», segundo Ana Miranda, a diretora do Arte Institute (AI), entidade promotora do festival.

Depois dos Estados Unidos, Portugal, França, Reino Unido, Brasil, Senegal, Guiné Equatorial, Tailândia, Austrália e Republica Checa, onde já ocorreu este ano, o festival vai ainda acontecer, até ao final de 2016, na China, Moçambique, África do Sul, Angola, Polónia, Roménia, Alemanha e Canadá. «Contamos ainda passar na Guiné-Bissau e no Quénia», afirma a diretora do AI, instituição apoiada anualmente pelo Camões, I.P. com uma verba de 12 mil euros.

A especificidade do festival reside na sua «sustentabilidade e abrangência», segundo Ana Miranda. «Todos os anos acrescentamos mais países e mais cidades, mantendo sempre os países anteriores», algo que, para além do festival decorrer «simultaneamente em Nova Iorque e Lisboa, no início de cada edição», a diretora do AI diz não ser feito por mais «nenhum festival português».

Mas há uma outra característica – uma espécie de festival 'chaves na mão' – que torna o NYPSFF bastante atrativo para os parceiros locais. Diz a diretora do AI: «por norma mandamos tudo pronto,

para que possam fazer a divulgação e apresentar os filmes. Sempre que possível tentamos estar presentes para apresentar o festival, pelo menos na primeira vez que ele é feito nesse local». «É um modelo que tem sido aprimorado e simplificado ao longo destes anos e é uma fórmula de sucesso», diz, considerando que «este é mesmo, para já, o modelo mais simples».

Sobre a seleção das películas Ana Miranda explica que, anualmente, «o festival abre um concurso em que realizadores portugueses, em qualquer parte do mundo, podem submeter as suas curtas-metragens». De seguida, um júri de Portugal, Estados Unidos e Brasil «faz a seleção das curtas que durante um ano viajam pelo mundo». «Nesta seleção há um pouco de tudo, todos os anos, há curtas mais alternativas e outras de autor. Os critérios em que o júri se baseia são a criatividade, a execução técnica, o guião e a originalidade da história».

A edição original do festival é de dois dias. No entanto, em alguns países, é «condensado num dia com 2 sessões». O número de filmes, adianta, depende da duração das curtas selecionadas, mas ronda em média 1hora e 15 minutos em cada dia ou sessão. «Já tivemos 21 filmes e também já tivemos só 10. Apresentamos os filmes em todos os formatos consoante o que nos é pedido no país: DCP, DVD ou vídeo *file*».

Os públicos, no dizer de Ana Miranda, «variam de país para país». «Há locais em que é mais a comunidade portuguesa que vem conhecer o cinema português contemporâneo e há outros países em que são mais os nacionais desse país».

Em geral, as salas que o AI aluga nunca têm mais de 150 lugares. «Nalguns locais esgota, noutros não, mas normalmente grande parte do público que veio no primeiro dia volta no segundo, o que é um bom indicador». As estreias do festival têm sempre mais afluência.

Para a organização do festival, o AI procura parceiros nos países, tentando sempre «estabelecer contacto com a embaixada ou consulado nesse pais ou cidade para dar conhecimento». No entanto, acrescenta, «há muitos consulados que nos contactam a pedir o festival».

Ana Miranda adianta que o festival tem contado apenas com fundos americanos da cidade de Nova Iorque. Este ano teve apoio do Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA). Em alguns países conta com patrocinadores locais e com o apoio do Camões, I.P.

Atlas da Língua Portuguesa

O *Atlas da Língua Portuguesa*, que alarga à CPLP o estudo de 2011 encomendado pelo Camões, I.P sobre o Potencial Económico da Língua Portuguesa, e que tinha como âmbito Portugal, vai ser publicado ainda este ano, dando uma «visão global» dos países de língua portuguesa, mas apresentando também exemplos como a China e os EUA.

A revelação foi feita pela Presidente do Camões, I.P., Ana Paula Laborinho, ao comentar declarações do antigo eurodeputado português José Ribeiro e Castro, que falou – na mesa-redonda da conferência sobre os '30 anos do Português na UE' – do valor económico da língua portuguesa, que foi avaliado por um estudo encomendado pelo Camões I.P. ao ISCTE, publicado em 2011. «Porque o que não tem expressão no PIB não existe», disse Ribeiro e Castro, defendendo a importância daquele tipo de avaliação.

Ana Paula Laborinho indicou que o novo trabalho apresenta uma «visão global», de todos os países de língua portuguesa, «mostrando qual a dimensão económica, hoje em dia, da língua portuguesa», incluindo a sua «dimensão na ciência».

A Presidente do Camões, I.P. afirmou nada ter contra a produção de conhecimento em Portugal em inglês, mas defendeu que «não se pode desincentivar o conhecimento em língua portuguesa». Considerou ser preciso não esquecer que os países de língua oficial portuguesa «têm uma produção [científica] em língua portuguesa e, para já, o português é a sua língua de escolarização e de conhecimento».

Esses países precisam de contributos para essa produção de conhecimento, através da criação de bases de dados científicas e de redes de ciência em língua portuguesa, acrescentou Ana Paula Laborinho, que destacou o trabalho do Ministério da Ciência e Ensino Superior na produção de ciência em português, essencial para uma língua global. O atlas é elaborado pelo mesmo grupo de investigação do ISCTE, dirigido pelo professor Luís Reto, que foi responsável pelo estudo original sobre o Potencial Económico da Língua Portuguesa.

tece em outros países», tendo dado o exemplo de vários países europeus e também dos países que têm o português como língua oficial, nomeadamente africanos, onde, disse, «as identidades são híbridas» devido à contribuição de diversas línguas. «Nós somos as línguas que falamos e é essa diversidade e riqueza que importa destacar», concluiu.

Ana Paula Laborinho declarou assim que o Camões, I.P, a quem a cabe o ensino e a promoção da língua portuguesa no estrangeiro, considera necessário «dar espaço às várias línguas», pois quanto mais as pessoas se puderem expressar na sua língua «melhor será o exercício da cidadania».

Acrescentou ainda que o Camões, I.P., que tem programas para ensinar português junto das comunidades e dos seus filhos, e estas crianças, que estão a ser socializadas nesses países e estão a ter aí a sua escolarização, «precisam também de dominar muito bem as outras línguas», a par do português, porque os seus resultados escolares serão melhores. Daí que a política do Camões, I.P. seja de integração do português nos sistemas curriculares, «para que o português não apareça como uma espécie de gueto».

A formação foi o tópico principal da intervenção de Célio Conceição, sendo seu parecer que é a medida essencial para a promoção do português. Quando se fala em multilinguismo esquece-se que ele é apenas institucional, disse. «Para a vivência em sociedade da diversidade linguística, o primeiro aspeto é a formação». O Presidente do Conselho Europeu para as Línguas pronunciou-se também contra o «deslumbramento do inglês», que cria a ilusão de que tudo se resolve se ele for falado, considerando que, mais do que um língua franca, «é um código de comunicação que se tem reduzido».

Rejeitou a ideia muito comum de que os portugueses «são excelentes em línguas». «Os dados disponíveis não mostram isso», declarou. «Nunca teremos bons tradutores e intérpretes se não tivermos pessoas com muito bons conhecimentos da língua portuguesa e das outras línguas». Segundo ele, há dados que mostram que a competência na primeira língua na Europa tem decrescido.

José Ribeiro e Castro criticou a falta de sentido do valor da língua portuguesa e dos interesses do país por parte da classe política portuguesa. Ao nível político, Portugal tem sido incapaz de definir uma estratégia de afirmação internacional da língua como um grande recurso estratégico do país e referiu o regime de marcas e patentes da Europa, considerando que a redução a três línguas diminui o português como língua técnica.

Frutuoso de Melo explicaria que essas decisões resultavam muitas vezes do facto de serem tomadas num quadro de «grande negociação», em que se obtém satisfação num dossiê e se cede noutro.

O português não é apenas um recurso dos portugueses como língua de identidade, mas também uma «língua de comunidade», que compreende cidadãos de outros países e a tornam uma língua da globalização, defendeu Ribeiro e Castro. «É uma língua da Europa para falar com o resto do mundo» e, com o *Brexit*, representa a segunda língua global da União Europeia, presente nos cinco continentes, acrescentou.

Ana Paula Laborinho contrariaria a interpretação de José Ribeiro e Castro sobre a «incompetência» dos governos na defesa da língua portuguesa na União Europeia, dizendo que tem havido cada vez mais a consciência da importância da língua portuguesa e referiu a Resolução de Conselho de Ministros de 2008, bem como outros documentos estratégicos, que constituem um acervo «absolutamente extraordinário em termos de visão e medidas para uma política de língua, e revelam a consciência da importância da sua dimensão internacional» e da língua como «ativo estratégico» nacional.

Considerou ainda que, não sendo o português pertença de Portugal, há necessidade de uma «articulação política constante» com os outros países que falam o idioma. Destacou aqui o papel da CPLP, que tem uma «política de língua» sob a forma de recomendações (os planos de ação de Brasília e Lisboa), e do Instituto Internacional de Língua Portuguesa. E sublinhou que a língua portuguesa já é língua de documentação e trabalho na UNESCO e que há muitas organizações internacionais em África onde o português é língua oficial.

O Camões, I.P. está assim a trabalhar para a formação de mais tradutores e intérpretes e acabou de assinar com a Comissão Europeia um acordo sobre o único mestrado de português como «língua ativa», em África, na Universidade Pedagógica em Maputo, que é apoiado pelo Instituto.

Interpretação de conferência

Camões, I.P. e CE assinam carta de intenções

O mestrado de Interpretação de Con-ferência da Universidade Pedagógica de Moçambique (UPM), criado em 2009 na sequência de um protocolo com o Camões I.P. e a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, poderá vir a receber o apoio da Direção-Geral da Interpretação da Comissão Europeia (CE). Uma carta de intenções nesse sentido foi assinada, a 26 de setembro, Dia Europeu das Línguas, entre DG de Interpretação da CE e o Camões, I.P., nos termos daquelas duas entidades se comprometem a «definir um quadro geral de cooperação», «com vista à consolidação do MICUP (Mestrado em Interpretação de Conferência da Universidade Pedagógica)e ao lançamento erealização da 3ª edição» do ciclo de formação que decorrerá entre 2016 e 2018.

O documento elenca a contribuição de cada uma das partes relativamente ao MICUP (português, inglês e francês), que já conta com o apoio do Banco Africano de Desenvolvimento. Aquele mestrado, assim como o de tradução, também da UPM, foi criado para fazer face às necessidades das organizações internacionais, nomeada- mente da SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral) e da CEDEAO (Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental).

A UPM é a única universidade de língua portuguesa que faz parte do PAMCIT, um consórcio de mestrados pan- africano de interpretação e tradução, que criou centros de formação pós universitária, na sequência da assinatura da declaração de Gigiri, em 2009, em Nairobi.

ARTE INSTITUTE

O que é o Arte Institute?

O Arte Institute (AI) apresenta-se como uma organização «independente, sem fins lucrativos, com base em Nova Iorque», que «promove a cultura contemporânea portuguesa no mundo, através dos eventos que produz nas áreas do cinema, música, literatura, artes plásticas, *performance*, teatro e dança», diz a diretora da associação, Ana Miranda.

Com o intuito de impulsionar a língua portuguesa nas suas atividades e eventos, o AI tem também desenvolvido ações que envolvem escolas de língua portuguesa nos Estados Unidos, caso do projeto *Um pequeno país do outro lado do oceano*.

Para além deste novo objetivo de «fazer a ponte entre as comunidades e o Portugal contemporâneo» e «aproximar as segunda e terceiras gerações» do seu país de origem, o AI está também, segundo Ana Miranda, a tentar recuperar a herança portuguesa no bairro nova-iorquino do Soho com o documentário *Portugueses do Soho*, que este ano integra o *New York Portuguese Short Film Festival*.

Desde 2011, o AI tem apresentado, no dizer da sua diretora, « no mínimo um evento artístico ou cultural por mês. Alguns desses eventos são *outdoors* para que consigamos chegar aos nova-iorquinos e a todas as comunidades de Nova Iorque».

A organização tem ainda tentado «ser a porta para alguns artista da CPLP que juntamos com artistas portugueses para criarem novos projetos» e divulgar a cultura lusófona.

Nos Estados Unidos, para além de Nova Iorque, o AI levou a sua programação a New Jersey, Califórnia, Boston, Fall River, Rhode Island, Providence e New Bedford, aqui em parceria com o Consulado português. Em Washington, o AI participou em 2015 «com um forte programa no Festival *Iberian Suite* no Kennedy Center».

Helena Almeida em Bruxelas

São cinco décadas da obra da artista plástica portuguesa Helena Almeida que poderão ser vistas até 11 de dezembro, em Bruxelas, no Museu de Arte Contemporânea – Wiels, numa mostra com o apoio do Camões, I.P., em parceria com a Fundação Serralves e o museu belga.

Corpus, a exposição dedicada à obra de Helena Almeida (Lisboa, 1934), «examina o seu trabalho de pintura, fotografia, vídeo e desenho», salientando «a importância do corpo – que regista, ocupa e define o espaço – e o seu encontro performativo com o mundo nas obras realizadas pela artista de meados dos anos 1960 até à atualidade», segundo uma nota de imprensa.

Além das pinturas "habitadas" e das séries fotográficas pelas quais Helena Almeida é mais conhecida, são

TONY DA SILVA/DR

mostradas obras raramente exibidas ao longo da sua carreira artística. «Por meio da sua pintura abstrata inicial, Helena Almeida introduz as preocupações centrais que definem a sua prática artística numa diversidade de disciplinas, nomeadamente o interesse em ultrapassar os limites do espaço pictórico e narrativo que sempre desempenhou um papel fundamental na obra da artista. Como Helena Almeida afirma: 'A minha pintura é o meu corpo, a minha obra é o meu corpo'».

A exposição é acompanhada por um catálogo em português, inglês e francês, em que é explorado «o processo de trabalho da artista e o lugar da sua obra no contexto da arte portuguesa e das práticas artísticas feministas e performativas dos anos 1970 e das décadas subsequentes», em ensaios inéditos de Peggy Phelan (professora da Universidade Stanford), Connie Buttler (curadora-chefe do Hammer Museum da Universidade de Los Angeles) e de Bernardo Pinto de Almeida (crítico de arte e professor catedrático nas Belas Artes do Porto) e numa entrevista com a artista conduzida pelos curadores da exposição, João Ribas e Marta Moreira de Almeida, do Museu de Serralves.

In Memoriam de Maria Isabel Barreno

FOTO LUSA/ANTÓNIO COTRIM (1992)

A escritora e investigadora Maria Isabel Barreno (1939-2016) foi Conselheira para os assuntos de Ensino do Português, junto da Embaixada de Portugal em Paris, entre 1997 e 2003.

(...) Maria Isabel Barreno cuidou atenta e dedicadamente do ensino da Língua e Cultura Portuguesa para os alunos lusodescendentes, deu particular atenção a atividades culturais, nomeadamente concursos de fotografia e exposições, que eram, à sua maneira, uma forma de acarinhar, partilhar e promover a cultura portuguesa.

No desempenho da sua missão, Maria Isabel Barreno ficará para sempre associada à integração da Língua Portuguesa como língua viva estrangeira, no sistema de ensino oficial francês.

Conseguiu junto das autoridades francesas que os cursos ELCO [ensino de línguas e culturas de origem], na altura acessíveis apenas às crianças de origem portuguesa ou de países lusófonos, fossem abertos a qualquer criança que neles se quisesse inscrever, independentemente da sua origem. Devemos-lhe a introdução, nas escolas primárias, do ensino do português como LVE, língua viva estrangeira. Em 2001, 2.500 alunos, em 32 escolas primárias, tiveram Português como LVE. Este número subiria para 4.600, no ano seguinte.

Quando iniciou a sua missão, apenas existia a Secção Internacional Portuguesa do Liceu Internacional de Saint Germain-en-Laye. Fez as diligências necessárias para que, em colaboração com diretora desta secção internacional portuguesa, fosse aberto um polo da secção internacional portuguesa de Saint Germain-en-Laye num *collège* e numa escola primária de Le Pecq. O seu empenho por este tipo de ensino levou-a a lutar pela criação de outras secções e, quando terminou a sua missão, já estavam a funcionar as secções internacionais portuguesas do *collège-lycée Montaigne* e do *collège-lycée Balzac*, em Paris, assim como a do *collège-lycée international de Grenoble.*

Adelaide Cristóvão, Coordenadora do Ensino Português - Camões, I.P. em França

Exposição de Ângela Ferreira no Nord-pas-de-Calais

Na continuidade do trabalho realizado sobre as minas de diamantes na África do Sul e no Congo, a artista plástica portuguesa Ângela Ferreira, Prémio Novo Banco Photo de 2015, desenvolveu, a convite do Centre Régional de la Photographie Nord-pas-de-Calais, um projeto relacionado com a história da exploração e extinção das minas e dos investimentos culturais, factos que atingiram zonas industriais da Région Nord-pas-de-Calais.

Até 20 de novembro, a exposição monográfica de Ângela Ferreira apresenta, naquele centro regional de fotografia, em Duchy-les-Mines, esculturas inspiradas nas estruturas das minas de aço ainda visíveis na paisagem do Nord-pas-de-Calais, combinadas com documentos fotográficos e recordações sonoras resultantes de um estudo em torno das fanfarras de mineiros de Douchy-les- Mines.

Cátedra de Estudos Portugueses em Goa inaugurada em novembro

A cerimónia de inauguração da Cátedra de Estudos Portugueses na Universidade de Goa (UdG), que tem como patrono o historiador Cunha Rivara, deverá decorrer em novembro, segundo o responsável do Centro de Língua Portuguesa (CLP) do Camões, I.P em Pangim, Delfim Correia da Silva.

A inauguração marca o início do programa de atividades da Cátedra *Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara*, que terá em Hugo Cardoso, docente e investigador do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, o primeiro dos professores visitantes a colaborar com o Departamento de Português e de Estudos Lusófonos da UdG em projetos de investigação e no apoio a alunos e docentes, refere também Delfim Correia de Silva, leitor do Camões, I.P. naquela universidade e membro da comissão organizadora da Cátedra.

A comissão, estabelecida em Junho de 2016, foi constituída pela decana da Faculdade de Línguas e Literatura, Kiran Budkuley, por Isabel Santa Rita Vas e pelo leitor do Camões, I.P. Das reuniões da comissão resultou a elaboração de um plano de atividades para o ano académico 2016/17 e a proposta de gestão do fundo atribuído anualmente à Cátedra pelo Camões, I.P., no montante de 10 mil euros.

O programa da Cátedra *Cunha Rivara* (VRPP – *Visiting Research Professor Programme*) visa a promoção de estudos linguísticos, culturais e literários indo-portugueses, criando as condições necessárias para o desenvolvimento de projetos de investigação ao nível da pós-graduação, explica o leitor do Camões, I.P.

No seguimento das reuniões da comissão organizadora foram estabelecidos os primeiros contactos com os professores visitantes, definidas as ações e projetos a desenvolver e traçada uma calendarização provisória.

Para além da definição de linhas de investigação na área dos estudos linguísticos, e em particular no estudo das especificidades do

UNIVERSIDADE DE GOA FOTO FREDERICK NORONHA /CC

português falado em Goa, Hugo Cardoso orientará ainda em Pangim um curso opcional sobre o contacto linguístico, em particular aquele que envolve o português, e a formação de línguas crioulas, intitulado *Language contact in South Asia And the role of Portuguese*.

Delfim Correia da Silva adianta que Janeiro/fevereiro de 2017 será o momento da segunda visita. Susana Sardo, etnomusicóloga e professora associada na Universidade de Aveiro trabalhará na UdG. A autora do livro *Guerras de Jasmim e Mogarim: Música, Identidade e Emoções em Goa* (Texto, 2011) galardoada, em 2012, com o Prémio Cultura da Sociedade de Geografia de Lisboa, e coordenadora da coleção 'Viagem dos Sons' (Tradisom 1998), entre outras publicações discográficas e artigos, desenvolverá um projeto de investigação e docência sobre *Música e Lusofonia*, um tema em que tem trabalhado recentemente, designadamente junto da CPLP, e sobre a *Lusosonia*, uma conceção muito particular sobre a expressão do português em espaços lusófonos, realizada mais pelos sons e musicalidades do que pelos aspetos linguísticos.

Já no final do 2º semestre do ano académico 2016/17, Amélia Polónia, professora associada da Faculdade de Letras e investigadora do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço, Memória da Universidade do Porto, e Vice-presidente do IMEHA (*International Maritime Economic History Association*), visitará Goa, onde realizará seminários e conferências sobre a História da Expansão Ultramarina e a participação da mulher na sociedade dos países marítimos europeus.

Outros professores e investigadores serão, nos próximos três anos, convidados a participarem no Programa de Investigação e Professores Visitantes da Cátedra *Cunha Rivara*, indica ainda o leitor do Camões, I.P.

Para além das conferências, seminários e cursos, o programa da Cátedra *Cunha Rivara* prevê a edição e publicação de textos científicos, ensaios e comunicações realizados no âmbito das atividades anuais.

O Departamento de Português e de Estudos Lusófonos da UdG, que para além do leitor do Camões I.P, conta com dois professores assistentes do quadro, oferece, no presente ano de 2016/17, diversos cursos e programas: cursos livres de Língua e Cultura Portuguesas, nos níveis A1, A2, B1 e B2; cursos opcionais a cerca de duas centenas de alunos dos diversos departamentos; o Mestrado *(Master of Arts*) em Cultura e Literatura Portuguesa a 14 alunos e o M.Phil (*Master of Philosophy*) a dois alunos.

A ideia de estabelecer uma Cátedra para os estudos portugueses na UdG surgiu no encontro realizado no CLP de Pangim, em fevereiro de 2015, quando da visita a Goa da Presidente do Camões, I.P., Ana Paula Laborinho.

Reconhecendo a obra realizada por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara no estudo da presença portuguesa na Índia e na valorização e defesa da língua concanim, o leitor do Camões, I.P., sugeriu a homenagem ao historiador português através da criação de uma cátedra de estudos comparativos indo-portugueses.

O Protocolo de Entendimento (*Memoradum of Agreement*), cujo texto define as condições de funcionamento da Cátedra, objetivos e áreas de investigação, foi assinado a 7 de abril 2016, pelo *Registrar* (reitor administrativo), Vijayendra P.Kamat, e pelo Cônsul-Geral de Portugal em Goa, Rui Baceira, em representação da Presidente do Camões, I.P.

Festival de cinema português em Sófia pelo terceiro ano consecutivo

O cinema português voltou a estar presente na Bulgária no final de setembro, com a 3ª edição do festival que lhe é dedicado desde 2014 na Cinemateca búlgara, em cooperação com o leitor do Camões, I.P. em Sófia, Francisco Nazareth, e com o apoio da Embaixada de Portugal na Bulgária.

Segundo o responsável do Camões, I.P em Sófia, a presença do cinema português na Bulgária começou ainda antes do 'Festival de Cinema Português', com a realização de um laboratório de cinema (que entretanto continua) e a exibição de películas portuguesas em semanas culturais fora da capital.

Na edição de 2016, estiveram em destaque o filme de Ivo Ferreira *Cartas da Guerra* («até por se saber que é um filme muito recente [2016] e também candidato português ao Óscar para o melhor filme estrangeiro»), *Embargo* (2010), de António Ferreira, e *A Balada da Praia dos Cães* (1986), de José Fonseca e Costa, homenageado este ano no festival.

Camões, I.P.
Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987
www.instituto-camoes.pt
jlencarte@camoes.mne.pt
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Vera Sousa
COLABORAÇÃO Carlos Lobato